

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## SANTOS DE CEMITÉRIO: ORIGEM E DECLÍNIO<sup>1</sup>

Marcia Regina de Oliveira Lupion  
UNIFATECIE  
[mrolupion2@gmail.com](mailto:mrolupion2@gmail.com)

“O santo precisa do devoto e vice-versa”.  
Andrade Jr. (2008).

### APRESENTAÇÃO DO TEMA E OBJETO

Estudos cemiteriais são ricos em objetos e abordagens. O design de uma lápide, o conjunto escultural, as epígrafes, as memórias, os milagreiros, as religiosidades, o luto, bem como a morte e o morrer, são apenas alguns dos temas passíveis de se tornarem objeto de investigação. A interdisciplinaridade é outra das riquezas que o campo oferece. Amparada por essa última característica, essa comunicação pretende contribuir com o campo da pesquisa sobre os cemitérios ao abordar, dentro do tema milagreiros cemiteriais, a possibilidade de que uma devoção possa vir ao declínio, ou mesmo ao acaso.

Como expresso na citação, a sobrevivência de um santo depende de seus devotos, bem como esses do santo. A partir dessa afirmativa, essa comunicação levanta a hipótese de que a devoção a um Santo de Cemitério possa vir ao declínio na presença de determinadas circunstâncias e será analisada tendo por referência a devoção dedicada a Bernardo Abel Alfonse Cnudde, padre cujo túmulo tem sido objeto de uma espécie de devoção no cemitério municipal de Maringá, Estado do Paraná. Devoção que se observou, é circunscrita a dois grupos específicos, um formado por integrantes de um grupo da renovação carismática e outro formado por pessoas que o conheceram em vida e que hoje encontram-se com idades superiores aos 50 anos.

Para a composição da narrativa a discussão versará sobre como se forma uma santidade cemiterial sob a orientação de três obras em especial escritas por José Carlos

---

<sup>1</sup> A discussão presente nesse texto é parte de um trabalho mais extenso presente na tese de doutorado defendida em junho de 2021 e intitulada “Padre Bernardo, uma devoção contingente (1969-2000)” na Universidade Estadual de Maringá, Pr.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Pereira; Lourival Andrade Jr. e Solange Ramos de Andrade, respectivamente “Devoções marginais” (2005); “Da barraca ao túmulo: Cigana Sebinca e as construções de uma devoção” (2008), e “Santo de cemitério: a devoção ao Menino da Tábua” (2015). São trabalhos que abordam o tema da devoção marginal e buscam compreender como essas devoções se originaram e o que faz com que permaneçam no imaginário dos devotos.

Feitas essas primeiras sondagens, a análise recairá sobre a devoção dedicada ao padre Bernardo para, em seguida, justificar a hipótese que aborda a contingência da devoção e, num extremo, sua finitude. Sob os argumentos apresentados, considera-se que na ausência dos dois grupos citados, a saber, o grupo de renovação carismática e os idosos, que muitas vezes se confundem, a devoção ao padre tenda ao declínio por carecer de elementos que garantiriam a sua manutenção como, por exemplo, a verificação de sua eficácia por meio de intercessões e milagres creditadas a ele após sua morte.

## A ORIGEM DE UMA DEVOÇÃO CEMITERIAL

Os cemitérios, como cidades, agregam diversos tipos sociais e relações de poder fartamente verificadas pela centralidade ou periferia onde estão localizados determinados túmulos e seus inumados e pelos materiais e ornamentos utilizados. Outro elemento de visibilidade, são as manifestações humanas presentes em algumas sepulturas demarcadas sobretudo pela presença de objetos no local e, em casos mais expressivos, pela presença de ex-votos. Esses últimos configurando elementos da religiosidade dos vivos que veem, nos mortos, a possibilidade de transcenderem os dissabores cotidianos quando podem contar com a ajuda daquele ou daquela que consideram capazes de interceder pela finitude dos sofrimentos.

De acordo com Lourival Andrade Jr:

Os milagreiros de cemitério pertencem a um rico complexo ritualístico, individual e coletivo de milhares, até milhões de brasileiros que buscam neles conforto para suas mazelas. Milagres são pedidos ali no túmulo, único espaço material de contato direto com o morto especial. Velas e flores dividem espaço com ex-votos e uma infinidade de oferendas deixadas para eles em sinal de agradecimento por um milagre ou uma graça recebida. O cemitério como cidade, o túmulo como templo e morada eterna (ANDRADE JR., 2017, p. 422).

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Os santos de cemitério são um dos tipos de devoção adjetivada de marginal. Onde, marginal, “porque existem e subsistem à margem da Igreja oficial, muitas vezes, sem o conhecimento ou reconhecimento da mesma, mas que são praticadas por fiéis, que, nas pesquisas censitárias, se denominam católicos” explica Pereira (2005, p. 36).

Outro tipo de devoção analisado por ele são as devoções emergentes. Essa tipologia “existe, por vezes, confundindo as fronteiras entre o espaço sagrado e o profano” (PEREIRA, 2005, p. 41), e não necessitam da igreja para serem vivenciadas. Além disso, são consideradas devoções nômades e marcadas pela itinerância visto que independem de um lugar fixo como um templo ou um túmulo, por exemplo.

Das devoções marginais, o modelo emergente mantém como característica não fazer parte do calendário católico. Por outro lado, ao ser reconhecida pela Igreja Católica, a devoção emergente assume traços comuns às devoções da oficialidade. Exemplo de devoção emergente é o culto a Santo Expedito cuja devoção não tem local fixo, sendo seus santos considerados nômades e as devoções prestadas marcadas pelo aspecto itinerante. A prática de confeccionar “santinhos” e deixá-los em lugares estratégicos marca esse tipo de devoção com a característica do anonimato sem que se perca o alcance de sua propagação (PEREIRA, 2005, p. 41).

As devoções marginais são uma realidade presente na religiosidade brasileira e demonstram a confiança nos santos como entidades com habilidades específicas para interceder por pedidos solicitados pelos devotos. No entanto,

No catolicismo, essa condição – a de ser santo – é qualificada como uma distinção atribuída pela igreja, por meio de um processo de canonização, somente àqueles que se destacaram pela realização de milagres e por seu exemplo de vida cristã. Para a hierarquia clerical, apenas os beatificados em menor grau, e os canonizados em sua plenitude podem ser reverenciados como santo (JURKEVICS, 2004, p. 19).

Numa devoção marginal ou em uma emergente, a autorização da Igreja para definir alguém como santo é irrelevante bem como ter sido um exemplo de vida cristã. O que importa, acima de tudo, é a eficácia na resolução dos problemas apresentados e a cumplicidade entre o devoto e seu milagreiro:

Há no devoto um entendimento que uma cumplicidade orgânica se faz entre ele e seu milagreiro, já que em sua esmagadora maioria fazem parte de uma cultura local, são reconhecidos como daquele espaço citadino, o que significa

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

que conhecem onde tudo aconteceu e continua acontecendo. Esta proximidade territorial entre o devoto e o milagreiro amplia seu poder de resolução imediata de problemas e conflitos. Todos são dos mesmos locais (ANDRADE JR., 2017, p. 422).

Ao estudar a devoção atribuída à cigana Sebinca Christo, Lourival Andrade Jr. cita exemplos de “santos de cemitério” que fogem ao padrão moral estabelecido pela Igreja Católica. Segundo ele,

esse devoto pouco se importa com a condição moral em que a alma em vida se inseria. O que importa a ele é o espaço que conquistado pelo “santificado” no mundo dos mortos, e, assim, poder atuar de forma de forma correta nas resoluções dos problemas do mundo terreno (ANDRADE JR., 2008, p. 114).

Além da cigana Sebinca, Andrade Jr. cita o caso da devoção à prostituta Jandira, de sobrenome não identificado, e do padre Silvério Weber, que teve um filho com uma das devotas que trabalhavam com ele na igreja; e “apesar desse fato, que é confirmado por todos que conviveram com a situação, frei Silvério continua sendo cultuado e santificado por aqueles que veem nele muito mais um “santo” do que um homem” (ANDRADE JR., 2008, p. 201).

José Leite de Santana, santo milagreiro do cemitério São Sebastião em Mossoró, Rio Grande do Norte, representa outro aspecto da construção de um “santo de cemitério”, que é a morte de forma trágica. Essa condição é um valor em si para a constituição de uma devoção muito mais do que uma vida impoluta. Pertencente ao bando de Lampião, José Leite de Santana, ou, mais especificamente, o cangaceiro Jararaca, foi um bandoleiro que colecionou o adjetivo de ser mais perigoso que o próprio chefe. Após ter sido capturado durante a invasão à cidade Mossoró em junho de 1927, Jararaca teria sido recolhido à delegacia, onde concedeu diversas entrevistas a jornais locais, antes de ser executado no dia 19 de junho de 1927, supostamente por policiais locais (FALCÃO, 2011, passim).

As versões para a morte de Jararaca são inúmeras. Degolado e enterrado; espancado, degolado e enterrado vivo; espancando, obrigado a cavar a própria cova e enterrado vivo; todas as formas anteriores acrescida de castração e morte por tentativa de fuga. Enfim, várias narrativas que foram, ao longo dos anos, acrescidas de sentidos e culminaram com a criação de uma devoção na qual, de cangaceiro sanguinário, Jararaca

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

torna-se mártir pela forma como sua morte se deu. Somado ao fato de que a ele são atribuídos milagres diversos pela população local, Jararaca, ao se arrepender da vida pregressa na hora da morte, torna-se um santo milagreiro cuja eficácia se verifica exatamente pela devoção a ele atribuída no cemitério de Mossoró (FALCÃO, 2011, p. 142).

Ou seja, é a eficácia do milagreiro o elemento que legitima sua presença e pertencimento ao grupo dos capacitados a realizar ações extraordinárias, e não sua vivência inscrita em um modelo de santidade como o proposto pela Igreja Católica, com base na vida exemplar atribuída a determinados santos, por exemplo.

Assim, convivem em espaços como cemitérios, mas não somente, milagreiros institucionalizados — isto é, os canonizados pela Igreja Católica —, e milagreiros cuja consagração está inscrita na devoção que lhe atribuem seus devotos à margem do poder católico, ainda que, como o frei Silvério Weber, tenham feito parte do catolicismo institucionalizado.

Reportagens sobre o padre são realizadas ainda hoje por ocasião do Dia de Finados, quando ele é citado juntamente com outros falecidos cujas trajetórias, de vida e de morte, continuam a fazer sentido para as coletividades. Ao contrário do monsenhor Bernardo, cuja morte aconteceu repentinamente devido a causas naturais somadas a complicações de saúde, os casos citados nas reportagens são resumidos sobretudo, a partir da forma violenta com que morreram, característica quase sempre presente nas construções dos processos de devoção.

Esses túmulos têm recebido atenção por parte do Patrimônio Histórico local durante a realização de “city tours” por diversos espaços urbanos maringenses, dentre eles o equipamento cemiterial. Dessa forma, verifica-se que estão sendo construídas pela Prefeitura memórias acerca de certos túmulos e seus falecidos, sobretudo daquelas cujas mortes ocorreram de forma trágica e que têm demonstrado um caráter potencial como “santos de cemitério”, aos quais tem sido atribuída, ainda que de forma insípida, a recepção de graças por pedidos realizados.

De acordo com Solange Ramos de Andrade, “as principais manifestações da religiosidade católica estão associadas a três aspectos complementares” (ANDRADE, 2013), sendo eles o culto aos santos; a peregrinação/romaria e o “conjunto de *ritos e*

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

*cerimônias* realizados para pedir curas, proteção para si e para os mortos, resolução de problemas emocionais e financeiros, conservação de saúde, dentre outros” (ANDRADE, 2013).

Ao citar a relevância que as condições da morte agregam na formação e manutenção de uma devoção, os autores citados sinalizam para mais um componente essencial que é a morte por martírio ou em condições violentas e desumanas. Outros componentes são a oralidade como elemento de divulgação; manifestações concretas (ex-votos; gestos) nos locais que identificam a devoção; procissões e festas em agradecimento às graças alcançadas (ANDRADE JR., 2008, p. 98).

Na ausência desses elementos é lícito questionar: 1. o que se verifica junto ao túmulo do padre pode ser considerado uma devoção? 2. uma devoção pode se iniciar a partir de outros elementos que não os citados por Andrade Jr. e Andrade? 3. sendo uma devoção, ela conta com requisitos capazes de mantê-la? Temos visto até aqui que existe um tipo de devoção reservada ao padre, o que se questiona é sua permanência. Sigamos.

### BERNARDO ABEL ALFONSE CNUDDÉ, PADRE E MONSENHOR (1939-2000)

Falecido no dia 20 de novembro do ano 2000, Padre Bernardo, ou monsenhor Bernardo, ficou conhecido em vida como um sacerdote capaz de realizar curas, interceder por graças e praticar o exorcismo junto a um diversificado público composto por paroquianos, pessoas da comunidade em geral inclusive praticantes de outras religiões e moradores de países vizinhos. Nas mais de três décadas em que trabalhou na diocese de Maringá, Estado do Paraná, o padre atuou de acordo com os cânones e dogmas católicos ao mesmo tempo em que empreendeu uma economia voltada para o atendimento massivo e para a prática de exorcismos.

Conhecedor de outras religiões, como o Espiritismo, provavelmente o Vodú e as religiões de matriz africana, o padre deixou na memória local a imagem de alguém envolvido com o sobrenatural e o místico. Elementos que levam simpatizantes e devotos a considerarem-no capaz de realizar milagres quando ainda era vivo, relatos praticamente inexistentes após sua morte. Em nível acadêmico verificou-se apenas dois artigos com referências específicas ao monsenhor e sua prática. No ano de 2010, as

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

historiadoras das religiões, religiosidades e das práticas religiosas Solange Ramos de Andrade e Vanda Fortuna Serafim abordaram tangencialmente a devoção ao padre no espectro das devoções presentes no campo santo maringense e, em 2013 o estudo pontual realizado pela professora Vanda Fortuna Serafim priorizou a análise da devoção ao padre bem como a coleta de diversos depoimentos e relatos de milagres a ele atribuídos.

Padre Bernardo pode ser compreendido como parte do grupo de “santos de cemitério” cuja devoção acontece à margem da Igreja Católica. Mas, com um diferencial, a devoção a ele destinada é praticada por um grupo seletivo de pessoas, não sendo alvo de romarias ou peregrinações. Grupo que é composto por dois perfis de devotos: um formado por ex-paroquianos e simpatizantes e outro pelo Grupo Carismático Filhos de São que, por vezes, tem entre seus membros indivíduos do primeiro grupo.

São representantes do primeiro grupo, pessoas em média com mais de 50 anos de idade e que geralmente o conheceram em vida, foram objeto de suas orações coletivas ou individuais e, num extremo, objeto de milagres ou de intercessão por graças recebidas. Esse grupo costuma visitar o túmulo do padre geralmente no Dia de Finados juntamente com a visitação a entes queridos, amigos e conhecidos falecidos. É relevante registrar a não verificação de visitas exclusivas ao túmulo do monsenhor durante a pesquisa quer seja em dias dedicados a esses eventos ou não.

Outro grupo que costuma homenagear o padre são os integrantes do grupo carismático Filhos de São. Conta S. O. T. Fº, integrante do Grupo desde sua origem, que os Filhos de São foram acolhidos pelo padre Bernardo em 1991 quando a renovação carismática era um movimento pouco aceito na comunidade católica local.

Ainda segundo o testemunho de S. T., o padre tomou a decisão de acolher o Grupo porque se identificava com a proposta carismática numa busca por compreender eventos ocorridos consigo próprio. O primeiro contato com o grupo teria se dado em um encontro da Renovação do qual ele participou e ficou sabendo que o Grupo estava sem um local para realizar as reuniões quando os teria acolhido na Paróquia Divino Espírito Santo.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Tendo convivido com o padre por mais de dez anos, S. T. acredita que o acolhimento ao grupo se deu porque

Ele (Pe. Bernardo) procurava um pouco de explicações para aquilo que acontecia na vida dele. Porque aquilo que se manifestava na vida dele já se manifestava muito antes de tudo, de todo esse surgimento do movimento. Ele já tinha uma porção de casos de pessoas que o procuravam e que diziam que haviam sido curadas ou que coisas voltadas à libertação do mal... (Ele) ia nas casas e mandava abrir colchoes... e encontravam-se objetos que não tinham como ter entrado ali dentro dos travesseiros. Tinham coisas muito surpreendentes aí. Tinham um dom certamente extraordinário.

A instalação na Divino Espírito Santo teria sido uma alegria para o grupo, que viu no gesto do padre a ação de uma pessoa que era incapaz de excluir por desconhecimento. “Ele não tinha medo daquilo que era bom”, além disso, “o monsenhor já tinha em sua história coisas incompreensíveis. Então ele tinha mais facilidade para compreender aquilo que era manifestação extraordinária” finaliza S. T. Posteriormente, o padre teria se tornado o mentor espiritual do grupo, tendo participado de encontros e socorrendo-os em situações inusitadas, como quando realizou o que, para S. T., teria sido uma sessão de exorcismo a uma integrante do grupo que manifestou um comportamento entendido pelo grupo como resultado de uma possessão demoníaca.

Em 20 de novembro de 2000, no entanto, essa caminhada é abruptamente interrompida com a morte do monsenhor. Na ocasião, o Grupo e o padre estavam organizando um evento em honra dos primeiros coordenadores, que haviam falecido no dia 23 de novembro de 1999 em um acidente de automóvel, quando o próprio padre veio a óbito. Dois dos três integrantes falecidos eram coordenadores do Grupo desde o início da experiência carismática e, por esse motivo, passaram a ser considerados os “pais fundadores” do Grupo Filhos de São.

A partir dessa data, os “pais fundadores” são homenageados durante as celebrações mesmas em que o padre também é lembrado. O padre Francisco Robl (1924-2009), ou padre Chiquinho como ficou conhecido, foi outro sacerdote comumente lembrado como colaborador do Grupo que passou a ser homenageado após sua morte no dia 04 de novembro de 2009. Essas homenagens não tem um local específico para acontecerem e se deram, às vezes na capela ecumênica do cemitério municipal; junto aos túmulos dos

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

falecidos, à exceção do Pe. Chiquinho que está enterrado no cemitério exclusivo aos religiosos e religiosas.

Nos testemunhos coletados sobre as homenagens ocorridas no mês de novembro e organizadas pelo Grupo, os eventos são apresentados tendo o padre Bernardo como o foco. No entanto, a investigação por meio de imagens do local e análise das entrevistas mostrou que as celebrações realizadas pelo Grupo Filhos de São são eventos que comemoram menos o padre Bernardo que os ex-integrantes falecidos e a própria história das origens do Grupo. Inclusive, no dia 23 de novembro de 2020, foi entregue uma lembrancinha em comemoração ao aniversário do Grupo e em honra aos fundadores em um evento restrito devido à pandemia causada pelo coronavírus que em nada lembra o monsenhor. O evento ocorreu nas dependências da Paróquia São Francisco de Assis, sem qualquer referência específica a ele. As comemorações aconteceram durante uma semana e tiveram por objetivo celebrar os “30 anos de gratidão pelo Grupo Filhos de São. Estamos em uma semana de comemorações. Nosso grupo completa 30 anos, tivemos bolo e sorteio de capelinhas, como pequenas *reliquias*, em memória de nossos fundadores” (GRUPO, 2020).

No dia 26 de novembro os coordenadores do Grupo convocaram os membros a deixarem suas memórias sobre os “pais fundadores” na página do Facebook. E no dia 29 de novembro de 2020 foi disponibilizado um link para inscrição na celebração eucarística em Ação de Graças pelo aniversário do Grupo com capacidade para 100 pessoas. A celebração aconteceria no dia 30 de novembro e a participação manteve as mesmas restrições devido ao estado pandêmico vivido na ocasião.

Nesse sentido, as celebrações ocorridas nas dependências do cemitério municipal ou nas paróquias às quais o Grupo pertenceu, tornaram-se uma forma de instituir a existência do Grupo, dando a ele uma historicidade que se fortalece com o trabalho desempenhado pelos “pais fundadores” seguido da ação do padre Bernardo, benfeitor que os acolheu em um momento em que a continuidade do Grupo estava debilitada, tendo em vista a inexistência de um local onde pudessem expressar sua religiosidade. Não se celebra, portanto, a memória do monsenhor, e sim a história do Grupo.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## É POSSÍVEL O DECLÍNIO DE UMA DEVOÇÃO?

Nem mesmo os eventos nos quais o padre é rememorado juntamente com outros padres e integrantes do Grupo Filhos de Sião servem para divulgar sua eficácia como milagreiro depois de sua morte. Nessas ocasiões, os casos considerados milagres envolvendo o padre são constantemente lembrados numa tentativa de recriá-los e mantê-los vivos, não para um novo público com capacidades potenciais como devotos, e sim para aqueles e aquelas que compartilham dessa memória. A devoção ao padre Bernardo carece de novos adeptos, as narrativas acerca de sua *performance* como alguém capaz de realizar milagres não se multiplicam. Ao contrário, se restringem à medida que seus devotos deixam de existir.

Diante dessa condição, acredita-se que a devoção a ele destinada seja algo contingente e com potencial de declínio, haja vista a dependência em relação ao grupo de devotos idosos e das celebrações realizadas pelo Grupo Carismático Filhos de Sião, que, na verdade, não tem alcance divulgacional. Como os devotos idosos, as celebrações mantêm viva a memória do padre enquanto este era vivo mais do que enfatizam suas potencialidades como um santo milagreiro no pós-morte.

São essas representações as responsáveis pelas traduções recheadas de afeto que levaram seu túmulo a se tornar um local de devoção. E, que permitem a Andrade e Serafim (2010), classificá-lo como um “santo de cemitério”. Contudo, “a permanência no panteão dos milagreiros está diretamente ligada à divulgação de suas habilidades pelos devotos” pondera Andrade Jr., (2020), dentre outros fatores, o que nem sempre foi registrado na devoção ao padre.

Em geral, os relatos de recepção de graças ou milagres atribuídos ao padre referem-se ao período em que ele era vivo, à exceção de dois casos. Um deles foi uma declaração informal acontecida junto ao túmulo, em agosto de 2017, quando uma senhora afirmou ter recebido a graça de encontrar um trabalho depois de pedir a intercessão do monsenhor e o outro refere-se ao ocorrido em uma tentativa de suicídio que não se concretizou, segundo a testemunhante, devido a intervenção do padre que aparecido em seus sonhos e lhe dito que ainda não era o momento de sua morte.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

À exceção desses dois casos não foram registrados, nas mais de uma dezena de trabalhos no local e em dezoito entrevistas formais, relatos que atestem a recepção de graças ou milagres após o falecimento do monsenhor. Em sua maioria, os relatos estão condicionados a fatos passados, rememorados constantemente, acrescidos ou suprimidos em uma ou outra informação, mas nunca renovados por casos inéditos acontecidos sobretudo após a morte do monsenhor.

Nesse sentido, se a eficácia do milagreiro reside na sua capacidade de realizar curas e milagres ou de conceder graças diversas, e se a consolidação de um santo de cemitério é dada também pela condição de ser capaz de realizar milagres e de ser um intercessor por graças aos suplicantes, no caso do padre Bernardo não houve continuidade dessa eficácia no post mortem. Ainda segundo Andrade Jr., a divulgação de parte dos devotos é o elemento que agrega novos devotos ao milagreiro (ANDRADE JR., 2008, p. 9), outro fato que também não foi constatado em relação à devoção destinada ao padre Bernardo.

Nem mesmo os eventos nos quais ele é rememorado juntamente com outros padres e integrantes falecidos do Grupo Filhos de São servem para divulgar sua eficácia como milagreiro depois de sua morte. Nessas ocasiões, os casos passados são constantemente lembrados numa tentativa de recriá-los e mantê-los vivos, não para um novo público com capacidades potenciais como devotos, e sim para aqueles e aquelas que compartilham dessa memória. A devoção ao padre Bernardo carece de novos adeptos, as narrativas acerca de sua *performance* não se multiplicam. Ao contrário, se restringem à medida que seus devotos deixam de existir de forma que a devoção se torna algo contingente e passível de vir ao declínio na ausência dos grupos analisados.

### À GUIA DE UMA CONCLUSÃO

Nessa comunicação foi apresentada a possibilidade de declínio de uma devoção a partir da análise dos elementos que levam à constituição de uma devoção e que, na ausência desses mesmos elementos, o ocaso possa vir a tornar-se uma possibilidade. Os mortos com característica de intercessores necessitam dos vivos para se manterem no panteão dos milagreiros ou santos de cemitério. E, no caso da devoção ao padre

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Bernardo, o quadro que se apresenta é o de uma devoção que carece de novos adeptos bem como de manifestações como romarias, ex-votos ou divulgação (de milagres) ou qualquer outro tipo de intercessão por benesses.

Como não foram coletados testemunhos expressivos de intercessões envolvendo o padre no post mortem, bem como não há o registro de relatos de pessoas que conheceram casos dessa natureza, conjectura-se sobre o ocaso dessa devoção, uma vez que a devoção a ele destinada não contempla a maior parte dos elementos capazes de manter uma devoção como os listados por Andrade Jr., Pereira e Andrade.

O “povo escolhe seus próprios santos fora da oficialidade” afirma Andrade Jr. (2008, p. 93), e as manifestações ocorridas junto ao túmulo do monsenhor demonstram o afeto de parte da comunidade local àquele que foi um dos padres mais conhecidos da diocese sobretudo as realizadas pelos dois grupos citados. No entanto, sozinho esse afeto não é capaz de manter uma devoção, sendo necessário, como se intentou demonstrar ao longo da comunicação, que outros elementos sejam agregados à afetividade para que o padre se mantenha no rol dos personagens cemiteriais denominados de santos ou milagreiros.

## REFERÊNCIAS

### Fontes orais

S. O. T. Fº. Quem foi o padre Bernardo para você? Maringá-PR, 08 ago. 2020. Entrevista concedida a Marcia Regina de Oliveira Lupion por ocasião da pesquisa de Doutorado em História – PPH/UEM, 2017-2021. Duração: 30 min.

### Referências bibliográficas e eletrônicas

ANDRADE JÚNIOR, Lourival. Da barraca ao túmulo. Cigana Sebinca e as construções de uma devoção. 2008. 292 f. Doutorado. Universidade Federal do Paraná –UFPR.

ANDRADE JÚNIOR, Lourival. Milagreiros de cemitério. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=woo7TL2C7e4> >. Acesso: 24 set. 2020. Duração: 3’14”.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

ANDRADE JÚNIOR, Lourival. Dos horrores aos humores: o cemitério no cordel brasileiro. REVISTA M, v. 2, n. 4, p. 412-437, jul./dez. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: Disponível em: < [http://www.revistam-unirio.com.br/arquivos/2018/02/v02\\_n03\\_a02.pdf](http://www.revistam-unirio.com.br/arquivos/2018/02/v02_n03_a02.pdf) >. Acesso em 17 jul. 2018.

ANDRADE, Solange Ramos de. A religiosidade católica e seus santos. Anais do XXVII Simpósio Nacional de História. Conhecimento Histórico e Diálogo Nacional - ANPUH, RN. 22 a 26 jul. 2013. p. Disponível em: < [http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364926943\\_ARQUIVO\\_ARELIGIOSIDADECATOLICAESEUSSANTOS.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364926943_ARQUIVO_ARELIGIOSIDADECATOLICAESEUSSANTOS.pdf) >. Acesso em: nov. 2017.

ANDRADE, Solange Ramos de. **Santo de cemitério**: a devoção ao Menino da Tábua (1978-1994). Maringá: Eduem, 2015.

ANDRADE, Solange Ramos de; SERAFIM, V. F. A religiosidade católica e seus santos: o Cemitério Municipal de Maringá – PR como espaço de devoção. HISTÓRIA AGORA. v. 10, p. 103-136, 2010. Disponível em: < <https://pt.scribd.com/document/198782078/ha10-dossie2> >. Acesso em: 16 nov. 2020;

FALCÃO, Márcilio de Lima. Uma morte muito aperreada: memória e esquecimento nas narrativas sobre um cangaceiro de Lampião em Mossoró. 2011. 181 f. Dissertação – Universidade Federal do Ceará, Programa de pós-graduação em História Social, 2011, passim.

GRUPO FILHOS DE SIÃO. Disponível em: < <https://www.facebook.com/filhosdesiao> >. Acesso em 30 nov. 2020.

JURKEVICS, V. I. Os santos da igreja e os santos do povo: devoções e manifestações da religiosidade popular. 218 f. 2004. Doutorado – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná. Curitiba-Pr, 2004, p. 19.

PEREIRA, José Carlos. **Devoções marginais**: interfaces do imaginário religioso. Porto Alegre, RS: Zouk, 2005.

SERAFIM, Vanda Fortuna. “Padre” Bernardo: um estudo de devoção em Maringá-PR (2005 – 2012). Disponível em < [http://www.cih.uem.br/anais/2013/trabalhos/207\\_trabalho.pdf](http://www.cih.uem.br/anais/2013/trabalhos/207_trabalho.pdf) >. Acesso em: 05 set. 2017.